

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

KERZIA RAILANE SANTOS SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS MULHERES TORCEDORAS DE FUTEBOL:
RELAÇÕES DE PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO**

VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO
2019

KERZIA RAILANE SANTOS SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS MULHERES TORCEDORAS DE FUTEBOL:
RELAÇÕES DE PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado a Universidade Federal do Espírito Santo, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Mariana Zuaneti Martins

VITÓRIA – ESPÍRITO SANTO
2019

KERZIA RAILANE SANTOS SILVA

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E AS MULHERES TORCEDORAS DE FUTEBOL:
RELAÇÕES DE PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO**

TCC em formato de artigo apresentado ao Departamento de Educação Física e Desportos do Centro de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física.

Aprovada em 10 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Mariana Zuaneti Martins
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Mestranda Bruna Saurin da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Prof^a. Avaliadora

Prof^a. Dra. Elda Alvarenga
Estácio de Sá Vila Velha
Prof^a. Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa construída em parceria com a professora Mariana é um ponto de chegada, ao mesmo tempo em que é de partida, pois se trata da conclusão de uma etapa que teve início na manhã da segunda-feira do dia 03 de agosto de 2015. Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para minha trajetória acadêmica, em especial aquelas que estiveram ao meu lado diante das conquistas e vitórias, mas, sobretudo, tropeços e derrotas.

Entre essas pessoas, gostaria de iniciar agradecendo a minha mãe, amiga e companheira de vida, que sempre se fez presente, estando ao meu lado em todas as ocasiões. No que se refere a formação docente, me encorajou para lidar com as adversidades e situações durante esse percurso, assim como o meu irmãozinho, pois sempre esteve disponível para contribuir na compreensão dos meus trabalhos escritos e a preparação para as apresentações orais. Também quero agradecer a professora Mariana que, mesmo com tantas atribuições e responsabilidades, a todo o momento foi solícita com as minhas dúvidas, inquietações e a elaboração desse estudo (e não só esse), evidenciando a profissional de qualidade que o Centro de Educação Física e Desportos têm o privilégio de contar em seu quadro de professores/as efetivos/as.

Do mesmo modo, gratidão aos dois grupos de estudos que pude integrar, que é a Grupa (Grupo de Estudos em Gênero e Esporte) e o NUPEGES (Núcleo Interinstitucional de Pesquisa em Gênero e Sexualidades) em que compartilhamos saberes e conhecimentos relacionados ao espaço escolar, assim como os cenários social e cultural relacionados aos esportes e aos processos de ensino dos mesmos. Esses espaços provocaram inquietudes importantes, sobretudo ao considerar o meu papel social como professora de Educação Física e treinadora de futebol. Nesse sentido, nos foi oportunizado, de maneira conjunta, pensarmos formas para superarmos, por meio de intervenções pedagógicas, relações que, por vezes, produziram (e ainda produzem) desigualdades de maneira que possa viabilizar a equivalência entre as pessoas.

Os programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) e o PIBIC (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica) também foram importante nesse processo, pois me oportunizaram os primeiros passos como professora e pesquisadora, respectivamente. Além disso, também gostaria de agradecer pelos laços de amizades que tive a oportunidade de construir e consolidar na academia e que hoje está além dela, como a Natália Camilo, Anelise Caliman, Jéssica Vial, Gabriela Borel, Maria Paula, Thais Bronze, Rayanne Dias, as tias Denilze e Maria e tantas outras que, de maneira singular

e em momentos específicos, somaram de forma ímpar para o meu processo de formação (e não só nele).

Nestes últimos meses que antecederam a conclusão dessa pesquisa, muitas coisas aconteceram simultaneamente, mas sou imensamente grata a minha querida Thiely Merlo que, de maneira enfática, esteve ao meu lado, sobretudo nos momentos de medo e insegurança. Ela, com muita paciência e plenitude, dividiu a caminhada comigo, a tornando menos difícil, incentivando-me a não desistir e continuar exercendo as tarefas, ações e planos que estavam sob a minha responsabilidade, “pois não a vitória sem luta”.

Enfim, gratidão por todas essas pessoas e os espaços que contribuíram para a minha formação docente. A caminhada não acabou, trata-se de uma etapa vencida!

FÉ, TRABALHO, PERSEVERANÇA E RESILIÊNCIA.

OBRIGADA A TODXS!

“O único lugar em que o sucesso vem antes do trabalho é no dicionário”.

(Autoria desconhecida)

RESUMO

Via de regra, parece existir certa invisibilidade sobre outros modos de envolvimento com o futebol no espaço escolar, a exemplo, como torcedora. Por meio do I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada, promovido pelo movimento MDA (Mulheres de Arquibancada), nos foi possível o contato com as organizadoras de modo em que, a partir da técnica da bola de neve, conseguimos mapear 12 torcedoras. Para a elaboração do corpus dessa pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas. Para analisar os dados coletados, nos baseamos na técnica de análise por categorias de Bardin (2002) em que, primeiro interpretamos os relatos e, posteriormente, construímos as categorias de modo a evidenciar o papel da Educação Física escolar para o engajamento como torcedoras. As torcedoras afirmaram que, nas aulas de Educação Física, mas sobretudo, nos eventos escolares como os jogos e as gincanas, é que tiveram os primeiros contatos para familiarização e vivências com a cultura torcedora. Ou seja, parte das primeiras experiências com a cultura do torcer ocorreram nas aulas de Educação Física escolar, mas foram os eventos escolares, realizados pelos/as professores/as de Educação Física, que foram reconhecidos como locais privilegiados para as primeiras vivências como torcedora. Além disso, a Educação Física escolar viabilizou dois cenários para as torcedoras no período de escolarização, isto é, as que torciam e jogavam para evidenciar e/ou potencializar sua paixão pela modalidade, e aquelas que, devido as proibições e interdições em função da prática de futebol, considerado 'jogo de menino', viram no torcer a possibilidade de viver o esporte sem que fossem julgadas. Com isso, torna-se importante pensar a integração da cultura torcedora no trabalho pedagógico não somente para oportunizar outro modo de envolvimento com o futebol, mas de construir saberes sobre esse fazer, essa possibilidade de vivência corporal.

Palavras-chave: Educação física escolar; futebol espetáculo; mulheres torcedoras.

ABSTRACT

As a rule, there seems to be some invisibility about other modes of involvement with football in school, for example, as a fan. Through the I National Meeting of Women in the Grandstand, promoted by the MDA (Women in the Grandstand) movement, we were able to contact the organizers so that, using the snowball technique, we were able to map 12 fans. To elaborate the corpus of this research, we conducted semi-structured interviews. To analyze the collected data, we based on the technique of category analysis by Bardin (2002) in which we first interpret the reports and then build the categories in order to highlight the role of school physical education for engagement as supporters. The fans stated that in Physical Education classes, but especially in school events such as games and scavenger hunts, they had the first contacts for familiarization and experiences with the twisting culture. That is, part of the first experiences with the culture of cheering occurred in the school Physical Education classes, but it was the school events, held by the Physical Education teachers, that were recognized as privileged places for the first experiences as a fan. In addition, the school Physical Education made possible two scenarios for the fans during schooling, that is, those who cheered and played to highlight and / or enhance their passion for the sport, and those that, due to prohibitions and interdictions due to practice soccer players, considered a 'boy's game', saw in their support the possibility of living the sport without being judged. Thus, it becomes important to think about the integration of the twisting culture in the pedagogical work not only to provide another way of involvement with football, but also to build knowledge about this doing, this possibility of bodily experience.

Keywords: Physical education in schools; spectacular soccer; female soccer fans.

RESUMEN

Como regla general, parece haber cierta invisibilidad sobre otros modos de participación con el fútbol en la escuela, por ejemplo, como fanático. A través del I Encuentro Nacional de Mujeres en la Tribuna, promovido por el movimiento MDA (Mujeres en la Tribuna), pudimos contactar a los organizadores para que, utilizando la técnica de bola de nieve, pudiéramos mapear a 12 fanáticas. Para elaborar el corpus de esta investigación, realizamos entrevistas semiestructuradas. Para analizar los datos recopilados, nos basamos en la técnica de análisis de categorías de Bardin (2002) en la que primero interpretamos los informes y luego construimos las categorías para resaltar el papel de la educación física escolar para el compromiso como partidarios. Los fanáticos declararon que en las clases de Educación Física, pero especialmente en eventos escolares como juegos y búsquedas del tesoro, tenían los primeros contactos para familiarizarse y experimentar con la cultura retorcida. Es decir, parte de las primeras experiencias con la cultura de animar ocurrieron en las clases de educación física de la escuela, pero fueron los eventos escolares, realizados por los maestros de educación física, los que fueron reconocidos como lugares privilegiados para las primeras experiencias como fanáticos. Además, la educación física escolar permitió dos escenarios para los fanáticos durante el período escolar, es decir, aquellos que vitoreaban y jugaban para resaltar y / o aumentar su pasión por el deporte, y aquellos que, debido a prohibiciones e interdicciones debido a la práctica Los jugadores de fútbol, considerados un "juego de niños", vieron en el giro la posibilidad de vivir el deporte sin ser juzgados. Por lo tanto, se vuelve importante pensar en la integración de la cultura de la torsión en el trabajo pedagógico no solo para proporcionar otra forma de involucrarse con el fútbol, sino también para construir conocimiento sobre esta acción, esta posibilidad de experiencia corporal.

Palabras clave: Educación física escolar; espectáculo de fútbol; partidarios femeninos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA.....	13
3. RESULTADOS	15
3.1 Como se deu a trajetória das mulheres como torcedoras	15
3.2 Como o futebol era apresentado no período de escolarização.....	19
3.3 A educação física escolar e suas práticas foram mobilizadoras para o engajamento como torcedora?.....	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
5. REFERÊNCIAS.....	29
ANEXO 1: PARECER DE APROVAÇÃO	32
APÊNDICE 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA	34

1. INTRODUÇÃO¹

Este estudo tem por preocupação analisar em que medida a Educação Física escolar possui papel relevante para a trajetória de mulheres torcedoras de futebol. Assim, temos como protagonistas as torcedoras de futebol que são integrantes de torcidas organizadas de diferentes clubes e estados brasileiros. Quando se trata da cultura torcedora, o que percebemos é que essa ainda é muito marcada por uma determinada forma de masculinidade, ancorada em elementos de virilidade e agressividade (DUNNING; ELIAS, 1992). Via de regra, existe certa invisibilidade sobre outras formas de envolvimento com o futebol, a exemplo como torcedora, e qual seria o papel da Educação Física escolar para essa vivência.

Estudos como o de Toledo (2010) mostram que o torcer, em sua maioria, é desenvolvido a partir dos vínculos familiares, o que podemos considerar como uma ‘cultura de casa’². No caso das mulheres, os fatores para o envolvimento com o torcer estão além do contexto familiar. Nesse sentido, nos questionamos em relação à Educação Física Escolar, uma vez que, no caso das torcedoras, o que parece é que esses vínculos pluralizam. Ou seja, para o processo de engajamento na cultura torcedora, não se trata apenas do contexto familiar, mas igualmente de pares de relacionamentos amigáveis e/ou amorosos, assim como convites despreziosos (ou não) para assistirem jogos no estádio.

Para Bandeira (2012) no que se refere ao processo de integração e engajamento no espetáculo futebolístico, existe um currículo e uma pedagogia do torcer sendo desenvolvidos nas arquibancadas dos estádios. Segundo o autor, ao pensar a educação das pessoas de maneira ampla, além de considerarmos os espaços formais, como é o caso da escola, outros espaços informais, como o estádio, também cumprem papel educativo. Para ele, “é possível afirmar que os estádios de futebol exercem uma pedagogia” (BANDEIRA, 2012, p. 2), pois existe uma socialização que passa por processos pedagógicos relacionados ao agir e ao sentir no futebol espetáculo, podendo ser reconhecido como pedagogia do torcer.

Nesses estádios, sem que percebamos, acontece uma educação por meio dos cânticos, dos comportamentos, de modo que algumas ações, corpos e discursos vão se apresentar como legítimos, enquanto outros vão ser considerados inadequados. Essa pedagogia do torcer é atravessada por relações de gênero, uma vez que os corpos valorizados são aqueles masculinizados, os cânticos apresentam a subalternização da mulher e do homossexual (o adversário é assim denominado, como forma de insulto), e as ações visam demonstrar

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq e pela FAPES.

² Termo utilizado para denominar o fato do aprendizado ter sido construído no contexto familiar.

características presentes numa masculinidade hegemônica, como a agressividade e a virilidade.

Tendo em vista a presença das relações de gênero no processo pedagógico para o torcer e ao perceber seu desenvolvimento por meio das socializações que ocorrem nas arquibancadas, nos é fundamental evidenciar a compreensão que temos desse marcador, neste caso, o gênero. Portanto, compreendido como algo que “[...] não está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino” (GOELLNER, 2010, p. 75). Isto é, trata-se das construções que envolvem as crenças, os comportamentos e os valores sociais e culturais.

Entre essas construções que, ao longo dos anos foram sendo reconhecidas como masculino e/ou feminino, Moura (2005) afirma sobre a relação ao que denominou por ideologia sexista. Esse aspecto, no entanto, ensina desde cedo a diferenciar o que é ‘de menino’ e o que é ‘de menina’, pois a sociedade moderna, por exemplo, reconheceu o homem e a mulher de maneira hierárquica, em que ele é superior a ela. Para isso foram construídas dicotomias entre os pares, bem como a convicção de que o modo de ser o seu corpo é único para cada gênero. Segundo Bambirra (2010), embora tenham ocorrido transformações no decorrer das décadas, ainda permeia-se, no imaginário social, a ideia de que a mulher e o homem são categorias opostas. Com isso, construiu-se uma relação em que as características como força e racionalidade, pertencem apenas a eles. Para elas, fragilidade e docilidade, não podendo um adquirir o atributo ‘que é do outro’, pois são específicos a cada categoria.

Neste cenário, Moraes (2017) evidencia a relação em torno dos meninos/homens e o futebol, estando essa atrelada a visão linear em que masculinidade e virilidade são inerentes a eles e essa modalidade, no entanto, é tida como ferramenta para enaltecer e legitimar esses atributos. Assim, pensar a inserção e integração das meninas/mulheres na cultura torcedora pelo viés de gênero é uma marca importante, pois atravessa as relações de sociabilidade que ocorrem nesse espaço. Além dos aspectos que, por muito tempo legitimaram os homens no espetáculo futebolístico, a credibilidade das mulheres como torcedoras, por vezes, também foi colocada em suspeição em função da pouca ou nenhuma experiência com a prática do futebol (COSTA, 2007), o que também esteve relacionada as interdições que as impediam de jogar.

Ao pensarmos o cenário escolar, sobretudo as aulas de Educação Física, Fensterseifer e Gonzáles (2013) afirmam que essa passou por transformações significativas nas últimas três décadas, pois anteriormente, o compromisso docente resumia-se a um fazer meramente corporal, isto é, a execução dos gestos técnico-motores de conteúdos específicos como os

esportes, os jogos, as lutas e as ginásticas. As mulheres, muitas das vezes, foram impedidas ou não incentivadas a prática de esportes como o futebol em função dos aspectos social e cultural atrelados as atribuições e características não só esperadas, mas atribuídas a cada gênero, como apontado por Moura (2005). Entretanto, as reformulações para a Educação Física escolar têm viabilizado (re)pensar as práticas, sobretudo as esportivas, de modo a promovê-las aos/as estudantes sem distinção de nenhuma natureza. Segundo Bracht (1999) o esporte e a ginástica, no contexto escolar, em meados do século XX, eram pensados de modo a promover aptidão física, pensando, sobretudo em desenvolver corpos saudáveis para o trabalho. Da mesma maneira, na ditadura militar, o esporte esteve presente como promotor da aptidão física e incorporou como objetivo da prática docente “preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo” (BRACHT, 1999, p. 75-76), ignorando a polissemia presente no fenômeno. Desde então, o papel do esporte na Educação Física escolar tem sido alvo de muitas discussões.

O esporte na escola como pauta de discussões está ligado a inserção das humanidades (ciências sociais e humanas) no currículo da Educação Física que possibilitou análises críticas sobre o paradigma da aptidão física e a formação de atletas por meio do mesmo. Para tanto, hoje se tem o desafio de construir saberes e conhecimentos sobre o fazer. Ou seja, trata-se do “conhecimento ou saber que se configura como um ‘saber fazer’ e, por outro lado, como um conhecimento ou saber ‘sobre esse fazer’” (ALMEIDA; GOMES; BRACHT, 2013, p.6), assim como, de viabilizar outros meios para incorporar e ressignificar as práticas. Evidentemente, as críticas ao modelo esportivista da década de 1980 têm direcionado a uma pluralidade de temáticas nas aulas, visando a integração do aluno no mundo da cultura corporal de movimento (GONZALEZ; FENRSTENSEIFER, 2009) por outros meios e possibilidades, como é o caso do torcer.

Neste sentido, compreende-se que a Educação Física escolar pode abranger no trabalho pedagógico intervenções sob o viés da cultura torcedora, em que os espaços das gincanas³ e dos jogos escolares⁴, possam tornar-se ‘palcos’ para legitimar essa prática docente. Da mesma maneira, viabilizar na Educação Física escolar espaços formativos sobre a cultura torcedora, assim como em relação a representação da arquibancada e dos/das torcedores/as no campo esportivo, neste caso do futebol espetáculo. Afinal, se existe uma pedagogia do torcer que acontece nos espaços informais, por que não verificar se ela também

³ Conjunto de tarefas, incluindo práticas esportivas como o futebol, basquetebol, voleibol e o handebol em que se disputa entre as turmas, com o mesmo objetivo final.

⁴ Segundo Arantes e colaboradores (2011) trata-se de competições estudantis e que esse evento é considerado como meio de incentivar a prática de esportes nas escolas do Brasil.

não está presente nos espaços formais de ensino? Pedagogizar o torcer por outros caminhos poderia ser uma estratégia para desconstruir o futebol como área reservada masculina.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, pois considerou as subjetividades das entrevistas. Portanto, fizeram parte dessa investigação 12 torcedoras de diferentes organizados de clubes de futebol e estados brasileiros. Para o mapeamento das torcedoras nos foi importante o I Encontro Nacional de Mulheres de Arquibancada que ocorreu em junho de 2017, com o apoio da ANATORG (Associação Nacional de Torcidas Organizadas), o que o faz ser reconhecido institucionalmente pela rede de torcidas organizadas do país. Esse encontro, que já foi sucedido por outras duas edições em formatos distintos, caracteriza-se como um espaço aglutinador de coletivos femininos de torcedoras.

Com base nesse encontro, mapeamos o movimento Mulheres de Arquibancada (MDA) e seus coletivos integrantes e o utilizamos para convidar as participantes desse estudo. Uma vez que estas organizações não estão mapeadas, se faz necessário tecer a rede alicerçada nas relações (amigáveis ou não) construídas entre as torcedoras. A partir da construção dessa rede, utilizamos da estratégia bola de neve para mobilizar as torcedoras. A nossa proposta era que sempre, ao final da entrevista, a torcedora indicasse outras para entrevistarmos.

Para produção do corpus dessa pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas⁵ com as torcedoras a fim de conhecer as experiências que construíram ao longo de sua trajetória. Segundo Negrine, a entrevista é uma ferramenta que “permite ao entrevistador o estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou (...) [procurando] obter informações com uma determinada finalidade” (NEGRINE, 2010, p.73).

Sendo assim, as entrevistas foram realizadas de junho a setembro de 2019, por meio da ferramenta *whatsapp*⁶ visando conhecer as experiências adquiridas ao longo da trajetória como torcedora, bem como as motivações que receberam para consolidar o envolvimento com o futebol espetáculo. Neste contexto, incluiu-se o período da escolarização e se a Educação Física em alguma medida exerceu papel relevante para essa adesão, por meio de áudios e

⁵ Roteiro de entrevista encontra-se no apêndice .1

⁶ Trata-se de um software utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet.

mensagens escritas. Algumas vezes também ocorreram entrevistas via chamadas de áudio e vídeo⁷.

Para analisar os dados nos baseamos em Bardin (2002) que, em primeiro lugar, interpretamos os relatos das torcedoras para em seguida, categorizá-los a fim de obter respostas sobre o papel da Educação Física escolar. Com base nas respostas das torcedoras nas entrevistas, foi possível elaborarmos três categorias para este estudo: a) Como se deu a trajetória dessas mulheres como torcedoras; b) Como o futebol era apresentado no período de escolarização; e c) A contribuição da educação física escolar para a torcedora que me tornei.

Além disso, também utilizamos o Iramuteq⁸ como mecanismo de análise para potencializar as respostas sobre o papel relevante da Educação Física escolar para o processo de engajamento dessas mulheres como torcedoras, pois “a partir da análise textual é possível descrever um material produzido por um produtor, seja individual ou coletivamente” (CAMARGO; JUSTO, 2013, p. 2). Deste modo, o programa Iramuteq nos possibilitou explorar os dados textuais de inúmeras formas com base no cálculo da frequência de palavras.

Para apresentar o perfil das protagonistas da pesquisa, produzimos o quadro 1. Nele identificamos o nome⁹, o estado que residem, o clube que torcem, quantos anos frequentam o estádio e a idade que possuem.

⁷Tendo em vista o aspecto financeiro e a inviabilidade de deslocamento para a realização dessas entrevistas, todas foram realizadas por meio da internet, sendo que o Comitê de ética em Pesquisa com Seres Humanos reconhece e aprovou essa ferramenta.

⁸ É um software livre para análises de conteúdo como o discurso.

⁹ Para preservar a identidade das protagonistas dessa pesquisa, utilizamos nomes de flores para mencioná-las.

Quadro 1: Perfil das torcedoras

NOME	ESTADO	CLUBE	QUANTOS ANOS FREQUENTA O ESTÁDIO	IDADE
CRAVO	RN	ABC	3 ANOS	23 ANOS
GIRASSOL	CE	CEARÁ	4 ANOS	32 ANOS
HIBISCO	PB	SPORT CLUBE DO RECIFE	11 ANOS	25 ANOS
HORTÊNSIA	BA	BAHIA F.C	11 ANOS	26 ANOS
ÍRIS	BA	VITÓRIA DA BAHIA	3 ANOS	27 ANOS
LAVANDA	BA	BAHIA F.C	8 ANOS	26 ANOS
LÍRIO	ES	RIO BRANCO	12 ANOS	25 ANOS
MAGNÓLIA	AL	CSA	10 ANOS	27 ANOS
MARGARIDA	PB	CAMPINENSE F.C	15 ANOS	29 ANOS
ROSA	RJ	GUARANI F.C	10 ANOS	29 ANOS
TULIPA	PB	CLUBE 13 F.C	12 ANOS	26 ANOS
VIOLETA	SC	FIGUEIRENSE F.C	10 ANOS	23 ANOS

Fonte: Elaborada pela autora

Válido ressaltar que essa pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, oriunda do projeto intitulado “Organização política, negociações e resistências de torcedoras de futebol¹⁰” e no anexo 1 consta o parecer de aprovação.

3. RESULTADOS

3.1 Como se deu a trajetória das mulheres como torcedoras

O primeiro contato das torcedoras com o futebol espetacularizado *in loco*, em sua maioria, se deu por meio de familiares como os pais, amigos/as ou namorados/as, assim como por meio dos jogos televisionados. Neste sentido, algumas das torcedoras, como Tulipa, Hortênsia e Rosa, afirmaram esse cenário, pois,

“Minha primeira vez no estádio foi com meu pai e foi aos meus 6 anos de idade”
(TULIPA, entrevista 15/08/19).

¹⁰ CAAE 96468317.6.0000.5542

“Fui com 12 anos com uns amigos de bairro, me chamaram e eu acabei indo. Foi muito legal, me diverti horrores, a galera era muito receptiva” (HORTÊNSIA, entrevista 05/08/19).

“Eu comecei a frequentar estádio, [...] no início de 2010, por causa de um ex namorado meu” (ROSA, entrevista 20/06/19).

“Ser torcedora foi muito natural, cresci vendo os jogos do flamengo na TV e cresci apaixonada por futebol por isso” (CRAVO, entrevista 31/07/19).

Sendo assim, é com base nesses aspectos que percebemos como os vínculos das mulheres torcedoras pluralizam, pois ainda que a maioria afirme que a identidade clubística é algo construído por laços parentescos (DAMO, 2005), também tivemos as que foram incentivadas em função dos jogos televisionados, como é o caso da torcedora Cravo ou por conta do namorado, conforme relatado pela torcedora Rosa.

Entretanto, por outro lado, também tivemos torcedoras em que a rejeição familiar em função do gosto pelo futebol causou momentos de conturbações, inclusive de agressões físicas e verbais. A torcedora Hibisco afirmou ao dizer que,

“Meus pais diziam que futebol era para os meninos e que eu devia gostar de vôlei [...] Ele me batia, passava sal e vinagre, me trancava para eu não ir para o jogo, principalmente quando estava em casa para eu realmente não ir ao estádio” (HIBISCO, entrevista 09/07/19).

Desta forma, ainda que existam elementos que evidenciaram a pluralidade que há na trajetória como torcedoras, temos o ponto em comum entre elas. Assim, trata-se do encanto, da admiração e a alegria ao presenciarem as festas na arquibancada, tendo em vista o incentivo para o time, sobretudo quando estavam perdendo. Esses sentimentos foram enfatizados por quase todas as torcedoras. Para Lírio, ao falar do primeiro contato com a arquibancada, a torcedora evidencia a ‘festa na bancada’, pois,

“Uma energia que eu nunca senti, dava para ver a emoção e o amor em cada um. Começou o jogo e todo mundo cantando, pulando e batendo palmas, jogando os papéis para cima, era a minha primeira vez, mas eu já conhecia algumas músicas por causa da minha amiga, então ia seguindo o ritmo deles, no segundo tempo eu já estava craque, morrendo e pulando igual uma louca, xingando o juiz, gritando e tal” (LÍRIO, entrevista 31/07/19).

Além da torcedora Lírio, também temos outros relatos como os de Tulipa, Hibisco e Girassol que, ao se tratar das razões que as mobilizaram para integrarem-se como torcedoras, confirmaram que,

“Porque me chamava atenção a torcida, a vibração, a galera junta para incentivar o jogador e principalmente por amar meu clube” (TULIPA, entrevista 15/08/19).

“No meu primeiro jogo, em 2008, Sport x Santo André, eu queria entrar na torcida por achar aquela festa na arquibancada linda” (HIBISCO, entrevista 09/07/19).

“Fui a primeira vez e depois não parei, porque senti uma sensação muito boa ao ver aquelas pessoas vibrando e apoiando o time” (GIRASSOL, entrevista 15/08/19).

Além dessa preponderância em relação as festas e os sentimentos que eram proporcionados, outras torcedoras destacaram que a receptividade e a união dos/das integrantes da torcida organizada também foram motivos cruciais para efetivar sua integração como membro. Para isso temos o que nos disse a torcedora Hortênsia, pois,

“Fui bem acolhida, somos uma família desde o início. Proteção e respeito vinham de todos. Nunca me senti excluída ou desrespeitada no meio” (HORTÊNSIA, entrevista 05/08/19).

Por outro lado, esse relato contrapõe alguns dos cenários que a mulher torcedora vem ocupando, em que, por vezes, foi tida como componente de desconfiança, sendo constantemente questionada sobre sua autenticidade como torcedora, provocando inclusive desequilíbrios e interdições (COSTA, 2006; 2007; PINTO, 2017; MARTINS, 2017; MORAES, 2017).

No Brasil, por muito tempo manteve-se a ideia de que o futebol é jogo ‘de menino’. O estádio para o futebol espetáculo foi reconhecido como lugar sagrado em que se naturalizou o homem cisgênero e heterossexual como legítimos participantes desse campo esportivo (VIEIRA, 2010; MORAES, 2017). Entretanto, vem crescendo o número de mulheres torcedoras presentes nos estádios de futebol, mas a vontade de ingressar no mundo da bola, no entanto, não é nova. (COSTA, 2006; VIEIRA, 2010; NORONHA, 2010). Compreendemos que, por vezes, os marcadores social e cultural causaram interdições para as mulheres na sua relação com o futebol, neste caso, o assistido.

Todavia, para torcedoras/os, os estádios são os locais privilegiados para vivenciarem o espetáculo futebolístico e a torcida organizada é tida como o mundo em que se vive de forma mais intensa o futebol (VIEIRA, 2010; MORAES, 2017). Não é a toa que as ‘festas na bancada’ das torcidas apareceram nos relatos das torcedoras como um dos principais fatores que as mobilizaram para integrarem-se a cultura do torcer, sobretudo nas organizadas. Para Campos (2010), esse envolvimento se trata da demonstração da intensa relação entre ser torcedora e a presença no estádio.

De acordo com Moraes (2017), as mulheres vêm negociando com preconceitos e dificuldades de forma criativa e autêntica, tanto que, ao compor o espaço da arquibancada e da torcida organizada, para elas, predominam-se os sentimentos de satisfação, mas, sobretudo, o de superação. Para tanto, formaram movimentos como o Mulheres de Arquibancada (2017) e o Movimento Feminino de Arquibancada (2019) almejando em primeiro lugar, legitimar a participação e a presença das mulheres nas arquibancadas e na cultura torcedora.

Esses movimentos deram origem aos Encontros Nacionais e Estaduais de Mulheres de Arquibancada que uniram torcedoras de diversos clubes e estados brasileiros. Nesses espaços, compartilharam as experiências e construíram ações conjuntas visando a legitimação das mulheres torcedoras na cultura do torcer, como é o caso da campanha “Deixa ela torcer”. Do mesmo modo, almejam encorajar a presença de outras mulheres e o desenvolvimento do empoderamento feminino.

Desta maneira, objetivam evidenciar que, embora sejam mulheres, elas são capazes de nutrir sentimentos pelo clube, assim como de empreenderem ações em função do crescimento e o desenvolvimento da torcida organizada que integram. Para isso, tem-se a busca por novas torcedoras a partir de mobilizações nas páginas em redes sociais, das festas e campanhas na arquibancada, como a do "machistômetro" que visou conscientizar as mulheres e homens torcedores/as sobre atos de preconceitos e discriminação contra as torcedoras, de modo a desnaturalizá-los. Assim como a elaboração de sites e blogs para viabilizar espaços, para além dos eventos estaduais e nacionais, em que as torcedoras possam interagir e construir vínculos de proximidade para irem ao estádio juntas, por exemplo.

Ao pensar as ações que as torcedoras desempenham em função da legitimidade e a presença na cultura torcedora, essas mulheres relatam sobre a importância do empoderamento feminino, embora para algumas esse atributo é tido como o caminho mais denso. Portanto, relatam a densidade na escolha desse caminho em função, por exemplo, do machismo. Com isso, Magnólia nos afirmou que,

“O empoderamento feminino é a demonstração da mulher decidida, aquela que não quer mais ser apenas coadjuvante. A sociedade é extremamente machista, porém a mulher hoje resolveu não seguir mais esse padrão, essas regras, não quer dizer que queremos aniquilar os homens, mas sim sermos reconhecidas e respeitadas sem precisar fazer mais do que fazemos. Quantas vezes ouvimos falar: "olha, ela joga como um homem", e não porque falar: “ELA JOGA COMO UMA MULHER”. No futebol o empoderamento veio para quebrar esses tabus, onde mulher só pode jogar bola se for lésbica, ou só pode ir ao estádio se for com o namorado ou esposo. Ser empoderada é decidir optar por um caminho mais difícil, porém com uma recompensa satisfatória no final. É lutar por igualdade e respeito, fazendo a mulher ser vista como mulher” (MAGNÓLIA, entrevista 26/07/19).

Portanto, ser empoderada é saber se impor, é buscar o espaço da fala, mas sobretudo da ação de modo a conquistar as oportunidades, sem que as diferenças de nenhuma natureza interfira de modo preconceituoso.

3.2 Como o futebol era apresentado no período de escolarização

Entender como se deu a vivência e/ou prática do futebol no período escolar nos foi importante para compreendermos sobre como elas estabeleceram a relação com a modalidade. Considerando que, no Brasil, o futebol é uma área reservada masculina e que boa parte das mulheres que se envolvem com o futebol tem seu primeiro contato na escola (SOUZA; MARTINS, 2018), mas especificamente nas aulas de Educação Física, parece ser relevante, observar como se deu essa relação no caso das torcedoras. Por mais que o início dessa trajetória tenha sido mediado por familiares, namorados/as ou amigos/as, nesse tópico, discutiremos como a Educação Física escolar contribuiu para essa relação com o futebol.

Neste contexto, os relatos das torcedoras nos afirmaram que as aulas eram organizadas de maneira em que separavam as meninas dos meninos e que cada grupo era orientado para praticar modalidades diferentes, a exemplo, meninas voleibol e meninos, futebol de salão. Sendo assim, Girassol, Margarida e Lírio nos afirmaram que,

“Nas aulas éramos separados pelo esporte, os meninos jogavam [...] futebol e as meninas handebol ou voleibol” (GIRASSOL, entrevista 15/08/19).

“[...] para as meninas o vôlei e o handebol e para os meninos o futebol” (MARGARIDA, entrevista 27/06/19); “A educação física era metade meninos e metade meninas” (LÍRIO, entrevista 31/07/19).

Segundo Sousa e Altmann (1999), fragilidade, docilidade e o sentimento, portanto, danças e artes, eram as práticas que potencializavam a ‘natureza feminina’, pois melhor atenderiam as suas características. Algumas torcedoras como Íris e Margarida afirmaram que as práticas e o modelo organizacional de seu período escolar foram semelhantes ao que Sousa e Altmann afirmaram, pois,

“Eu e todas as meninas não éramos incentivadas para jogar futebol, tanto que nesse período eu me apaixonei pelo teatro e é o que faço até hoje” (ÍRIS, entrevista 03/06/19).

“A maioria dos meus professores de educação física nos incentivavam a praticar jogos mais considerados "femininos" como o handebol e vôlei” (MARGARIDA, entrevista 27/06/19).

Ou seja, nas intervenções pedagógicas da Educação Física, as práticas como ginástica e voleibol deveriam ser orientadas e desenvolvidas apenas para as meninas, devido a predominância dos movimentos suaves, além de manterem a distância dos corpos (SOUSA; ALTAMANN, 1999).

Ainda em Sousa e Altmann (1999), para as mulheres, o conteúdo relacionado ao esporte moderno¹¹ tem enfrentado barreiras na Educação Física escolar. Barreiras dadas em função das características, no imaginário social, que eram esperadas para cada gênero. Aqueles esportes que evidenciavam a aparição de atributos como a força e o contato físico eram tidos como inapropriados para elas. Baseado num determinismo biológico e, sobretudo por visarem a competição, esses conteúdos eram reforçados apenas aos meninos, pois atendiam a ‘natureza deles’.

Apesar disso, algumas torcedoras relataram momentos de resistência à normalização de seus corpos. Com isso, buscaram o acesso equivalente na prática de futebol na escola, desafiando os cenários que estavam ‘dados’, como o de que ‘futebol não é coisa de menina’. Os relatos de torcedoras como Hibisco, Lavanda e Hortênsia afirmaram esses processos de resistências, pois,

“Na educação física joguei com os meninos, porque fui turrona e os enfrentei para poder jogar, pois a princípio, para as meninas vôlei e para eles o futebol” (HIBISCO, entrevista 09/07/19).

“Éramos separados em grupos, meninos e meninas, mas eu era ousada e brincava com os meninos também, inclusive de futebol” (LAVANDA, entrevista 26/06/19).

“Eu sempre queria jogar com os meninos e os mais altos, para disputar força e tal, gostava de enfrentá-los” (HORTÊNSIA, entrevista 05/08/19).

Logo, esse relato nos confirma que, além do ato de resistir as normas engendradas, é uma denúncia no sentido de dizer que era igualmente capaz de jogar, independente da questão de gênero. A torcedora Íris, por sua vez, evidenciou que tanto no contexto familiar, como no escolar, alguns discursos se repetiam de modo a impedi-la, por exemplo, de jogar futebol. Neste contexto, Bandeira e Seffner (2013) evidenciaram que o esporte moderno “[...] é uma arena de construção de gênero. Nessa construção a masculinidade, como na ampla maioria das esferas da cultura, ocupa um lugar privilegiado” (2013, p. 247). Logo,

¹¹ Segundo Bracht “o esporte moderno tem como referência uma atividade corporal de movimento competitiva, que surgiu na Europa no século XVIII e expandiu-se para o resto do mundo” (BRACHT, 2011, p. 1).

“Tinha essa questão social dos papéis de gênero, e eu via as meninas sem fazer certas atividades, como o futebol, então eu não fazia e minha família reproduzia muito esses discursos, e na escola não era diferente“ (ÍRIS, entrevista 03/06/19).

Alguns dos relatos das torcedoras demonstram como as meninas não são vítimas inertes diante dos contextos de separação e normalização (SOUZA; ALTMANN, 1999). Elas também negociam com essas normas, resistem e transgridem as barreiras e interdições. Essa conduta de resistir e buscar o acesso da prática de futebol na escola, no entanto, podem ser interpretadas como política de igualdade (FLINTOFF, 2008). Desta forma, compreendemos que as torcedoras se tornavam transgressoras pelo fato de não aceitarem o que sutilmente estava posto, tendo em vista que não alegam proibições diretas pelos/as docentes em relação a prática de futebol. Porém, não era incentivadas e com isso, as que praticaram foi porque se impuseram e, assim, viabilizaram-se no jogo.

Ainda no contexto da sistematização das aulas e o processo organizacional, algumas torcedoras como Lavanda nos relatou sobre o papel de liderança que era desempenhado no período de escolarização, mais especificamente nas aulas de Educação Física, assim como Hortênsia, que também declarou sobre essa função,

“[...] o professor nomeava essa pessoa para melhorar a comunicação entre os participantes da sala, para construir as aulas e até mesmo para as gincanas, sem ter discórdias e brigas. [...] Eu era líder” (LAVANDA, entrevista 26/06/19).

“Tínhamos esportes, palestras e geralmente o futebol [...] Eu gostava de mediar [...]” (HORTÊNSIA, entrevista 05/08/19).

Entretanto, temos algumas diferenças nas vivências, embora seja sobre liderança entre as torcedoras. Hortênsia, por sua vez, exercia a liderança na ausência do professor, já torcedora Lavanda argumentou que esse papel foi exercido não só nos espaços de aulas junto ao professor, mas também nas gincanas e jogos escolares. Com isso, tendo em vista a integração, mas, sobretudo a relação que social e culturalmente foram estabelecidas as mulheres com o futebol, torna-se significativo enaltecer esses acontecimentos.

Neste sentido, ambas exerceram e exercem o papel de liderança em distritos¹² da torcida organizada que integram, o que nos possibilita considerar que a Educação Física escolar contribuiu para o desenvolvimento desse atributo, pois o experienciaram durante o período de escolarização. Esse papel, por sua vez, é reconhecido como um dos mais importantes para a torcida organizada, sobretudo em função dos diversos cargos que são atribuídos na instituição e liderar é um deles.

¹² Refere-se as divisões da torcida organizada que pertencem em relação aos bairros. Ou seja, para cada distrito tem-se uma/um representante

No que se refere ao envolvimento das meninas na prática de futebol durante as aulas, compreendemos que a baixa adesão das torcedoras no período de escolarização está ligada ao imaginário social de que o ‘futebol é jogo para os meninos’. Para tanto, ao tratar dessa categoria, as torcedoras Hibisco e Lírio utilizaram o espaço para fazer denúncias sobre o processo de ensino, isto é, sobre as intervenções pedagógicas, além da prática, os/as professores/as poderiam,

“Penso que a escola, quando fazemos a prática, por meninos já jogarem e não quererem misturar, ficam rindo das meninas e tal, deveriam problematizar essas questões de modo a possibilitar maiores aberturas para as meninas no futebol, considerado fenômeno na cultura brasileira” (HIBISCO, entrevista 09/07/19).

“Teriam tantas aulas legais para serem feitas, inclusive referente em aproximar os alunos e alunas do futebol, porque aqui no estado, por exemplo, é muito acessível o futebol para as pessoas” (LÍRIO, entrevista 31/07/19).

Além disso, algumas torcedoras descrevem que os/as professores/as de Educação Física tinham mais envolvimento com os eventos esportivos e as gincanas escolares, do que durante as aulas. Entretanto, ao trabalhar esportes como o futebol, Magnólia afirmou que,

“quando era futebol, simplesmente subentendiam que geral já sabiam as regras e ficava só apitando” (MAGNÓLIA, entrevista 26/07/19).

Outras torcedoras afirmaram que, em função da pouca habilidade com a bola nos pés, assim como o baixo ou nenhum incentivo dos/das professores/as e colegas de turma, elas afastavam-se das aulas de Educação Física por não se sentirem ‘aptas’ para as práticas como o futebol. Para Altmann (1998) esse quadro refere-se a exclusão simultânea, tendo em vista que o indivíduo é excluído, mas também se exclui. Torcedoras como Rosa afirmaram que,

“Me interessei, mas depois fui ocupar a arquibancada porque eu sou péssima jogando” (ROSA, entrevista 20/06/19).

Ainda sobre a exclusão e auto exclusão, Magnólia afirmou que, muitas das vezes só jogava com os meninos as meninas consideradas habilidosas, tanto que,

“Daí sempre os meninos jogando e meninas só se fossem craques, que era o caso da Valquíria, que jogava melhor que muito homem” (MAGNÓLIA, entrevista 26/07/19).

Sobre esse cenário, Altmann (1998) enfatiza que não se trata apenas da discriminação de gênero, mas, sobretudo, por acharem que as meninas demonstram pouca ou nenhuma

destreza na prática da modalidade. Quando alguma delas contraria essa expectativa, ela é aceita.

A prática de futebol na Educação Física escolar esteve pautada em dois cenários. No primeiro temos as torcedoras que transgrediam¹³ ao que estava dado, pois já jogavam o jogo fora da escola e almejavam o acesso e a permanência também no contexto escolar; o segundo cenário são as torcedoras que, embora existisse a vontade, não enxergavam meios para superar as interdições e tornar a prática possível a elas. Logo, percebe-se uma incongruência no espaço escolar, pois o futebol sendo um componente curricular da Educação Física escolar, compreende-se que deve ser de acesso equivalente, sem distinções por nenhuma natureza (gênero, religião, etnia, classe, etc). Entretanto, percebe-se que as principais razões para as interdições estão ligadas as relações de gênero engendradas no futebol.

Entretanto, temos um ponto em comum entre as torcedoras no período de escolarização, ou seja, as que transgrediam as barreiras e interdições e aquelas que, embora houvesse vontade, não vislumbravam meio para vivenciarem a prática de futebol. Para todas elas o torcer é tido como outra possibilidade de envolvimento com o futebol e, segundo Pope (2012), situações como essas são fatores chaves para fomentar o interesse como torcedoras, tanto para as que foram interdidas ou proibidas de jogarem, como para aquelas que, além da prática, viram no torcer outra maneira de potencializar a relação com o futebol.

3.3. A educação física escolar e suas práticas foram mobilizadoras para o engajamento como torcedora?

Neste espaço, focamos em compreender se em alguma medida, a Educação Física escolar contribuiu para o processo de engajamento dessas mulheres como torcedoras. Na figura 1 observamos a frequência dos termos que as protagonistas citaram sobre o papel de relevância que a Educação Física escolar exerceu para sua trajetória como torcedora. Com isso, inserimos os relatos transcritos no software Iramuteq.

Figura 1 – Nuvem de palavras sobre o papel relevante que a educação física escolar, em alguma medida, exerceu na trajetória como torcedora.

¹³ Transgressoras em função ao contexto que estavam inseridas, mas principalmente por algumas torcedoras relatarem que os/as professores/as demonstravam certo incômodo por elas jogarem.



Fonte: Elaborado pela autora.

A nuvem de palavras nos possibilita perceber que a Educação Física escolar era tida como o espaço voltado para a prática do jogo, seja de futebol, voleibol, handebol e demais esportes. Interessante é que futebol aparece ao lado de menino, demonstrando uma relação de proximidade na utilização dos termos. Isso reafirma o discurso bastante presente de que, para essas mulheres, a Educação Física era um lugar cerceado para a prática de futebol, sendo um conteúdo destacado apenas para os meninos.

Deste modo a identidade com o torcer pelo futebol rodeou as aulas de Educação Física escolar não pela mediação com a modalidade esportiva, mas pelos jogos e as gincanas escolares. Esses foram reconhecidos como as primeiras possibilidades de vivências com o torcer. Portanto, embora não fossem desenvolvidas intervenções pedagógicas abordando diretamente a cultura torcedora, eventos como os jogos e gincanas escolares são reconhecidos por elas como espaços potencializadores para a cultura do torcer no período de escolarização.

Para as torcedoras, naquele período, as relações que estabeleceram com os eventos escolares estavam pautados nas possibilidades de acesso e o envolvimento com o futebol, mas, sobretudo por conta do clima de competição e rivalidade que eram preponderantes entre as turmas. Nesse sentido, compreenderam que a Educação Física e os conteúdos que lhe pertenciam, ainda que em contexto mútuo, que é o caso dos jogos e gincanas escolares, oportunizavam sentimentos de alegria e união, e da mesma maneira, vivenciaram na arquibancada o torcer, o vibrar e o incentivar as pessoas que estavam representando sua turma durante os jogos.

Neste sentido, os relatos das torcedoras nos direcionam para dois caminhos em função da Educação Física escolar, sendo o primeiro “eu torço porque jogo”; e o segundo “eu não

jogo, mas eu torço”. Assim, a presença e a participação nos jogos e gincanas escolares foram espaços que privilegiaram o envolvimento como torcedora durante o período escolar, pois,

“Na minha época a maior tradição nas escolas era parar para ver os jogos [...] Eu estudava em frente a uma praça, então as torcidas [...] se reuniam lá” (CRAVO, entrevista 31/07/19).

“Todo ano tinha os jogos internos de futsal, as meninas sempre formavam as torcidas [...] da sua sala” (GIRASSOL, entrevista 15/08/19).

Portanto, quando a escola era mobilizada para participar desses eventos, oportunizavam-se o envolvimento tanto para a prática do jogo, como para o torcer. As torcedoras Rosa e Cravo nos afirmaram que,

“Os jogos escolares [...] acabava gerando torcida de turmas” (ROSA, entrevista 20/06/19).

“[...] Eu participava dos jogos escolares, curtia, ia para ver as torcidas e tal, era muito legal o clima. Isso me incentivou a ser torcedora” (CRAVO, entrevista 31/07/19).

Embora tenhamos identificado dois caminhos possibilitados pela Educação Física escolar, o torcer é reconhecido pelas entrevistadas como outra possibilidade de envolvimento com o futebol tanto para as que eram impedidas de jogar, como para aquelas que jogavam, pois era tida como forma de potencializar a paixão pela modalidade. Essas, assim como nas ruas, tinham a Educação Física escolar como espaço privilegiado para a prática de futebol, pois,

“Fora da escola eu já jogava, então na escola eu também queria jogar” (TULIPA, entrevista 15/08/19).

Vigarello (2013) alerta para a visão social que o esporte teve em seu princípio, pois foi reconhecido como ferramenta para legitimação dos homens que, por meio da prática do jogo, constituiriam a virilidade, aspecto dado apenas a eles. Além disso, as visões biologicistas apoiadas por médicos, também confinaram a proibição das mulheres em práticas esportivas provocando atitudes conservadoras (GOELLNER, 2014). Como resultado dessas ações radicais, em abril de 1941 houve o decreto que as interditou de praticar esportes considerados impróprios para a ‘natureza feminina’, tais como o futebol de campo, salão e areia (GOELLNER, 2014; GREGORY, 2014), sendo revogado somente em 1979.

Pope (2012) chama a atenção sobre a maneira como os/as professores/as de Educação Física compreendem as relações de gênero, tendo em vista que esse elemento tende a orientar

as normas e condutas por eles/as adotadas durante as intervenções pedagógicas. Com isso, ao invés de possibilitar o acesso e permanência nas práticas da cultura corporal de movimento de maneira equivalente, podem desempenhar barreiras e interdições “em modalidades esportivas culturalmente consideradas de domínio masculino” (GOELLNER; JAEGER; FIGUEIRA, 2011, p. 135). Segundo Goellner (2010):

É necessário, de antemão, rejeitar os rótulos que aprisionam, engessam e fixam os sujeitos, enredando-os em representações que os nomeiam como feio ou bonito, apto ou inapto, saudável ou doente, normal ou desviante, masculino ou feminino, heterossexual ou homossexual. Precisamo-nos dar conta de que práticas como essas reforçam discriminações e exclusões, ao invés de ampliar possibilidades de intervenção junto aos sujeitos, possibilitando que, por meio das práticas corporais e esportivas, possam exercer sua cidadania e liberdade constituindo-se como sujeitos sociais (GOELLNER, 2010, p. 77).

Segundo Costa (2007) a credibilidade como torcedora é reduzida pelos torcedores devido a pouca experiência na prática do jogo, por isso elas precisam “[...] ir contra uma série de representações que fomentaram a ideia de que as mulheres e o futebol atuam em campos opostos” (2007, p. 3).

Ao pensarmos sobre as experiências corporais com o futebol, torcedoras como Íris e Margarida, afirmaram que,

“Têm muitas atividades ‘ditas masculinas’ que eu queria fazer, mas era proibida [...] certas atividades como o futebol, então eu não fazia” (ÍRIS, entrevista 03/06/19).
“Como falei, para as meninas o vôlei e o handebol e para os meninos o futebol. Do ensino fundamental ao médio, eu só tive dois professores que incentivavam as meninas a jogar futebol” (MARGARIDA, entrevista 27/06/19).

A Educação Física escolar construiu dois caminhos para essas mulheres no período de escolarização. Neste caso, apontamos sobre a proximidade e o distanciamento que, no entanto, o primeiro ocorreu conforme buscavam a própria participação na prática que não era tão incentivada como para os meninos, por exemplo. O distanciamento, por sua vez, acontecia em função da prática para as torcedoras que não percebiam modos de viabilizarem a participação no jogo em função das interdições, estereótipos e preconceitos.

Com isso, embora as torcedoras tenham se mostrado, inicialmente, céticas em relação à possibilidade de a Educação Física escolar ter exercido influência sobre sua trajetória como torcedora, essa, por sua vez, revelou-se propulsora. Porém, pouca ou nenhuma prática com o jogo de futebol não interferiu para que elas fossem capazes de compreendê-lo. Os espaços de jogos e gincanas escolares viabilizaram o envolvimento dessas mulheres torcedoras para além da prática corporal do futebol, mas, sobretudo, como parte integrante desse ambiente. Não a toa, a torcedora do Vitória da Bahia evidenciou que,

“[...] o fato de não jogar, não me impossibilitou de compreender o jogo” (ÍRIS, entrevista 03/06/19).

Esses espaços, no entanto, viabilizaram as primeiras vivências como torcedora, sendo apresentadas ao espaço de competição e rivalidade, características enfáticas do futebol assistido. Mas embora a escola incentivasse a prática do torcer por meio desses eventos escolares, não houve relatos de nenhuma das torcedoras sobre problematizações em relação ao mesmo, tão pouco de ter sido considerado como elemento educativo de aspectos relevantes para construir aprendizagens.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pergunta de partida da pesquisa consistiu em investigar se na trajetória como torcedora, a Educação Física escolar possui papel relevante no engajamento delas como torcedoras. Para isso foi possível dividi-las em dois grupos, as que não eram permitidas ou não tinham interesse em jogar futebol, mas viram no torcer outra possibilidade de envolver-se com a modalidade; e aquelas que torciam e começaram a jogar para potencializar a paixão pelo futebol.

Diferente do que Pope (2012) afirma em sua pesquisa sobre fãs de futebol inglês, percebemos no referente estudo que o contexto familiar, em sua maioria, foi o espaço de maior incentivo para as torcedoras inserirem-se na cultura do torcer, assim como a presença nos estádios. Em relação ao contexto escolar, encontramos similaridades ao que afirma Stacey Pope (2012) sobre o processo do não incentivo a prática de esportes como o futebol para as meninas, tendo forte ligação com as relações de gênero, principalmente as de ordem dominante. De acordo com os relatos das torcedoras, elas não eram incentivadas para a prática de futebol no contexto escolar, embora parte delas afirmaram que vivenciaram o jogo nas aulas de Educação Física e nos eventos escolares.

Portanto, percebe-se que, boa parte das torcedoras afirmaram que, por meio das aulas de Educação Física escolar e em seus eventos como os jogos e as gincanas, é que iniciaram a trajetória como torcedora. Entretanto, foram consolidando esse processo conforme se integravam aos estádios, aos grupos e movimentos de torcidas organizadas, sob influência inicial de familiares, amigos/as ou namorados/as, que ocorreu no mesmo período de escolarização. Por isso, sentiam-se familiarizadas com o ambiente de vibração, cantorias e incentivo ao time para vencer os jogos, pois já haviam sido envolvidas como os jogos e gincanas escolares, propostos pela Educação Física.

Embora não tenham sido apontadas intervenções pedagógicas sob o viés da cultura torcedora, compreendemos que os jogos e as gincanas escolares foram os principais espaços, no período escolar, que oportunizaram e apresentaram a prática do torcer para essas mulheres. No entanto, nos possibilita considerar que são meios específicos e importantes para viabilizar os/as docentes em Educação Física escolar o trabalho pedagógico sobre essa temática.

Neste sentido, é possível desenvolver trabalhos sobre o futebol espetáculo, estando além de viabilizar outro meio de envolvimento com o futebol, mas de reconhecer os aspectos que envolvem e representam a cultura torcedora, como é o caso da pedagogia do torcer. Para isso, torna-se importante propor espaços formativos no contexto escolar a fim de construir diálogos, visando o debate sobre as representações que a arquibancada e as torcidas organizadas desempenham, assim como as diferentes formas de vivências e demonstrações das emoções na cultura torcedora.

Neste cenário, trabalhar sobre a cultura do torcer ou futebol espetáculo no ambiente escolar, poderá oportunizar a problematização, por exemplo, de ideias recorrentes no contexto social, de que as torcidas organizadas são sinônimos de guerras e conflitos corporais em função da rivalidade, como muitas vezes é propagado pelas mídias, como a televisão e a internet. Além disso, também se refere a uma educação para o torcer, pois compreende-se que o ambiente da competição envolve muito mais do que o jogo em si, mas trata-se de um espaço que viabiliza os aspectos técnicos, táticos, culturais e éticos. Esses, por sua vez, tendem a causar um turbilhão de sentimentos e sensações, resultando em gestos e demonstrações como maneira de atestar a veracidade do envolvimento com a modalidade.

Portanto, é relevante incluir no trabalho pedagógico da Educação Física escolar o conteúdo da cultura torcedora ou futebol espetáculo, se também levarmos em consideração os diversos casos de jogadores/as que sofrem com o racismo, sendo hostilizados/as por torcedores/as durante a partida. Assim, ao promovermos eventos como os jogos e gincanas escolares, estamos lidando muito mais do que com as práticas em si, mas, sobretudo, viabilizamos espaços para a demonstração, por exemplo, de afeto, emoções e o ímpeto de querer conquistar a vitória.

Se nos estádios há uma pedagogia do torcer vinculada à masculinidade hegemônica, que se desenvolve sem que haja algum agente sistematizando esse processo, por que não problematizar essa pedagogia na escola? Por que não tentar na escola construir outras pedagogias do torcer? Logo, nos é importante pensarmos sobre todos esses aspectos que envolvem a cultura torcedora em que, por vezes, nos deparamos com situações em que as condutas e ações de integrantes que compõe o futebol espetáculo, são negativas. Precisamos

também nos ater, mas, sobretudo, agregar na Educação Física escolar para e com os/as estudantes formas de tornar a cultura torcedora possível a todas as pessoas. Ou seja, está além de ser apenas outra possibilidade de envolver-se com o futebol, mas, sobretudo, de viabilizar espaços mais justos e equivalentes, desnaturalizando ideias, condutas injustas e discriminatórias, contribuindo para transformar os princípios que, por décadas, têm norteado o futebol, intentando a legitimar a presença e a participação equivalente de todas as pessoas.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Q.; GOMES, Ivan M.; BRACHT, Valter. **EPISTEMOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. Vitória, Universidade Federal do Espírito Santo, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 2013.

ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física**. 1998.

ARANTES, André; MARTINS, Francisco; SARMENTO, Pedro. **“Jogos escolares brasileiros: Reconstrução histórica”** Revista Motricidade, suplemento do VOL 7, 2011. Vila Real

BAMBIRRA, Filipe Starling. **Mulher e futebol: uma análise do autodiscurso por meio de sites de relacionamento na internet**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Amor e masculinidade nos estádios de futebol**. Esporte e Sociedade, v. 19, p. 1-26, 2012.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo**. Espaço Plural. Toledo, v.14, n.29, p. 246-270, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições, v. 70, 2002.

BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos CEDES v.48, p. 69, 1999.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3.ed. — Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. — 136 p. — (Coleção educação física).

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2013.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do cruzeiro esporte clube presentes no mineirão**. Dissertação de mestrado em Lazer – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2010.

COSTA, Leda Maria da. **Maria-chuteiras x torcedoras “autênticas”**. Identidade feminina e futebol. USOS DO PASSADO’XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RJ, p. 1-11, 2006.

COSTA, Leda Maria da. “**O que é uma torcedora?** Notas sobre a representação e auto representação do público feminino do futebol”. *Esporte e Sociedade*. v. 2, n.4, nov/2006-fev/2007.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005.

SANTANA, Wilton C.; DOS REIS, Heloísa HB. **Futsal feminino**: perfil e implicações pedagógicas. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 11, n. 4, p. 45-50, 2008.

SOUZA, Ana Cláudia Ferreira; MARTINS, Mariana Zuaneti. **O paradoxo da profissionalização do futsal feminino no Brasil**: entre o esporte e outra carreira. *Pensar a Prática*, v. 21, n. 1, 2018.

DE SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. **Meninos e meninas**: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Centro de Estudos Educação e Sociedade, 1999.

DUNNING, Eric; ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **Desafios da legitimação da educação física na escola republicana**. *Horizontes-Revista de Educação*, v. 1, n. 2, p. 33-42, 2013.

FLINTOFF, Anne. **Targeting Mr average**: participation, gender equity and school sport partnerships. *Sport, education and society*, v. 13, n. 4, p. 393-411, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade**. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, n. 2, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **As mulheres, o esporte e o direito de ser**. In.: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*. Edição especial. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice; FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. **Invisibilidade não significa ausência**: imagens de mulheres em obras referenciais do skate e do fisiculturismo no Brasil. *Ex aequo: revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*. Vila Franca de Xira. N. 24 (2011), p. 135-148, 2011.

GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Entre o “não mais” e o “ainda não”**: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. *Cadernos de formação RBCE*, v. 1, n. 1, 2009.

GREGORY, Beatriz Helena Matté. **Esporte e lazer**: direitos de meninas e mulheres de todas as idades. In.: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. *Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero*. Edição especial. 1ª Impressão. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2014.

MARTINS, Mariana Zuaneti et al. **Entre o amadorismo, a profissionalização e a carreira dupla:** o futsal feminino de elite sul-americano. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 26, n. 1, p. 143-155, 2018.

MARTINS, Mariana Zuaneti. **Mulheres torcedoras de futebol:** Questionando as masculinidades circulantes nas arquibancadas. In: XX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. 2017.

MORAES, C. F. **As torcedoras querem torcer:** tensões e negociações da presença das mulheres nas arquibancadas de futebol. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017. Florianópolis. Anais Eletrônicos... Florianópolis, ISSN 2179-510X.

MOURA, Eriberto Lessa.. **O futebol como área reservada masculina.** Em: J. Daolio (org.) *Futebol, cultura e sociedade.* (pp. 131-147). Campinas: Autores Associados, 2005.

NEGRINE, Airton. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa.** In: NETO, VM; TRIVINOS. *A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas* (org.). Porto Alegre: Sulina, 2010.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **Futebol é coisa de mulher!** Um estudo etnográfico sobre o “lugar” feminino no futebol clubístico. 2010.

PINTO, M. R.; Bonfim, A. **Pelo direito de torcer:** A experiência de grupos e coletivos de torcedorxs de futebol contra a cultura de que futebol é coisa pra macho. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

POPE, Stacey. & Kirk, David. **'The role of physical education and other formative experiences of three generations of female football fans'**. In *Sport, Education and Society*. Published 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique De. **Torcer:** a metafísica do homem comum. *Revista de História*, v. 163, p. 175-189, 2010.

VEIRA, Valdo. **Sentidos que norteiam a participação das mulheres torcedoras nos estádios de futebol.** 2010. Tese de doutorado – Universidade do estado do Rio de Janeiro.

VIGARELLO, G. Virilidades esportivas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **História da virilidade:** a virilidade em crise. 2013. p. 269-301.

ANEXO 1: PARECER DE APROVAÇÃO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Organização política, negociações e resistências de torcedoras de futebol.

Pesquisador: Mariana Zuaneti Martins

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 96468317.6.0000.5542

Instituição Proponente: Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.967.144

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um trabalho de aluna da graduação orientada pela professora do Centro de Educação Física e Desporto da Ufes.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo é, em primeiro lugar, descrever e comparar os discursos e práticas empreendidos por torcedoras ativistas que reivindicam "igualdade" de gênero nas arquibancadas.

Em segundo lugar, analisar os discursos e práticas dessas torcedoras à luz das dimensões ideológicas do torcer no Brasil, enfocando na questão se e em que medida tais discursos representam uma resistência aos processos de subordinação de gênero no futebol espetáculo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa possui relevância acadêmica e social pois se propõe a tratar da relação entre genero e esporte e como se desenvolve essa relação na atualidade.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta os elementos necessários segundo a resolução 510/2016 e 466/12.

no protocolo é apresentado o roteiro de entrevistas, TCLE devidamente elaborado, projeto detalhado, folha de rosto devidamente assinada pela orientadora/pesquisadora e diretor do centro e PB-informações básicas devidamente preenchido e cronograma em vigor atualizado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto aprovado por esse comitê, estando autorizado a ser iniciado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_970568.pdf	26/07/2018 11:46:28		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_BROCHURA_REV.pdf	26/07/2018 11:45:49	Mariana Zuaneti Martins	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_07_18.pdf	26/07/2018 11:44:35	Mariana Zuaneti Martins	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_kerzia.pdf	14/05/2018 14:43:37	Mariana Zuaneti Martins	Aceito
Outros	ROTEIRO_ENTREVISTA.pdf	29/08/2017 15:14:48	Mariana Zuaneti Martins	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

APÊNDICE 1: ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Fale um pouco sobre sua trajetória como torcedora do clube.
- 2) Como você se envolveu com a torcida [organizada]?
- 3) Como se deu o seu primeiro contato com o futebol?
- 4) No período de escolarização, você se lembra como o futebol foi apresentado?
- 5) De alguma maneira, você percebe se a educação física escolar exerceu papel motivacional para o seu engajamento como torcedora?
- 6) Você já exerceu algum papel específico na sua Torcida Organizada? Se sim, fale um pouco da experiência.
- 7) Como se dá as relações entre torcedoras e torcedores do seu ponto de vista?
- 8) Como você ficou sabendo da ideia do Encontro Nacional de Torcedoras?
- 9) Quais são os objetivos do Encontro?
- 10) Quais são as pautas do Encontro?
- 11) Como as mulheres resistem nas arquibancadas?
- 12) O que vocês desejam e querem que mude nas arquibancadas?
- 13) O que significa empoderamento para as mulheres torcedoras?
- 14) Quais são suas estratégias para conquistar novas torcedoras para essas ideias e práticas? O que você faz no dia a dia para mobilizá-las?